Afonso Reis Cabral: "Acho que não se pode estragar uma boa história literária com a verdade e no jornalismo, se não se contar a verdade, é um crime"

Afonso Reis Cabral: "I don't think you can spoil a good literary history with truth and in journalism, if you don't tell the truth, it's a crime"

Beatriz Pereira – Universidade Autónoma de Lisboa
beatriz.pereira.bap@gmail.com
https://doi.org/10.26619/978-989-9002-14-2.11

Recebido / Received
12.05.2020

Como citar este capítulo / How to quote this chapter:

Pereira, B. (2021). "Afonso Reis Cabral: 'Acho que não se pode estragar uma boa história literária com a verdade e no jornalismo, se não se contar a verdade, é um crime'". In Lourenço, J. & Lopes, P. (eds.), *Comunicação, Cultura e Jornalismo Cultural.* Lisboa: NIP-C@M & UAL, (pp. 238-251), disponível em https://repositorio.ual.pt/handle/11144/4759 DOI https://doi.org/10.26619/978-989-9002-14-2.11

Considerado dos jovens escritores portugueses mais talentosos da atualidade, Afonso Reis Cabral, aos 30 anos, arrecadou dois grandes prémios da literatura: o Prémio LeYa, em 2014, e o Prémio Saramago, em 2019. Com a paixão pela escrita já assumida desde criança, crê que esta se tornou parte do seu carácter, embora seja um "alter ego" que ocupe o seu lugar quando cria uma nova história.

Afonso Reis Cabral, escritor e leitor entusiástico, fala sobre a sua vocação e a descoberta do mundo da literatura. Mesmo por videochamada, sente-se o tom de intensa entrega àquilo que hoje é a sua vida. Nesta entrevista, o escritor reflete sobre o conhecimento profundo e o trabalho que são necessários a uma boa escrita, o desinteresse pela leitura em Portugal e, ainda, a preocupação do jornalismo em atingir, sobretudo, as camadas mais jovens.

Alguns críticos literários e leitores consideram-no um dos jovens escritores mais talentosos em Portugal. A paixão pela escrita, que surgiu pouco depois da morte de Amália Rodrigues, nasceu da música da fadista ou do efeito Amália, enquanto musa inspiradora?

Foi consequência do contexto. Efetivamente, na altura já ouvia falar vagamente da Amália. Sabia que era uma fadista, mas não tinha bem noção da imensidão da sua voz, nem dos poetas que cantava. Porque o que me interessou mais foi o mistério da poesia naquela voz quase maternal e absoluta para mim. E, quando a Amália Rodrigues morreu, interessei-me pelos grandes poetas

que eram cantados na voz dela: David Mourão-Ferreira, Alexandre O'Neill, Pedro Homem de Melo e, em particular, Camões. Portanto, para uma criança de nove anos, ser confrontada com a abundância de informação, consequência da sua morte, era algo diferente. Lembro-me de semanas de homenagens. Não sei se foram dias, mas na minha memória foram semanas, tanto a ouvir a Amália cantar como a descobrir esses poetas. Para mim, enquanto criança, foi quase uma chamada de atenção, um repto. Pensava para mim: "Existe a literatura. Existe a poesia. O que é que vais fazer quanto a isso?"

A partir desse momento que sentimento o levou, tão jovem, a transformar o gosto de escrever no que hoje é a sua vida?
Não sei se podemos falar em sentimento. Se pensarmos em sentimento como algo delineado e abordável, isso não acontecia. Era mais um instinto, sentir que tinha vocação para aquilo e, sobretudo, ter gosto pela escrita. Já desde essa idade que não via a minha vida sem a escrita. Claro que é um pouco uma "pescadinha de rabo na boca" porque tinha nove anos e descobri a escrita, e desde então não parei de escrever, portanto a escrita fez parte da formação da minha personalidade. A escrita tornou-se um traço do meu carácter. Por isso, não é propriamente um sentimento ou algo definido, é sim, verdadeiramente, o que achava que era uma vocação. Claro que, depois, a escrita é muito trabalho, mas na altura, com 10 ou 11 anos, era uma alegria, um mistério e uma descoberta. E, claro, uma brincadeira, de certa maneira.

“Um idiota repetido ao longo dos anos não deixa de ser um idiota. Mesmo que tenha 80 anos”

Passaram 15 anos desde que publicou *Condensação*, o seu primeiro livro. Para além da idade e da maturidade, o que mudou significativamente na escrita do Afonso criança vs. Afonso adulto?

É insondável. Acredito que o ser humano não é uma coisa acabada e, por isso, estamos permanentemente no processo de construção do nosso “eu”. Mas este processo tem, muitas vezes, um lado pernicioso, que é fazer-me esquecer quem era em determinada circunstância. Penso que esteja muito diferente de quando tinha 15 anos, mas, pelo menos, o lado de entrega à escrita continua a existir e sempre existirá. No entanto, a grande diferença do ponto de vista literário é que não sou poeta e, na altura, estava iludido com isso. Dos nove aos 15 anos, escrevia bastante prosa, mas, essencialmente, escrevia poesia. Por isso, tinha a ilusão que era, de facto, poeta. Quando publiquei *Condensação*, senti quase uma cerimónia de passagem porque percebi que, na verdade, não era poeta. A publicação do livro fez-me perceber isso.

Volto à idade que, de forma geral, significa experiência e conhecimento...

Nem sempre. Um idiota repetido ao longo dos anos não deixa de ser um idiota. Mesmo que tenha 80 anos. Mas sim, a idade dá experiência.

Tendo em conta essa ligação da idade-experiência, considera, de alguma forma, que a maneira como representa o Mundo e conta histórias surge a partir da perspetiva de alguém jovem?
Acho que a literatura, quando é bem feita, é transversal. Não depende da idade. Verdadeiramente, a idade não é um posto. Portanto, não há um posto nesse sentido na minha escrita. Nunca houve. Se pensarmos no meu livro *O Meu Irmão*, que comecei a escrever aos 21, a história é narrada por um professor universitário de 50 anos e, portanto, não há qualquer pendor etário. Nem ao nível da temática. No entanto, mais tarde sim, podemos analisar qualquer livro à luz da idade do autor. Quando saiu *O Meu Irmão,* e na altura do contexto do Prémio Leya, em 2014, falava-se muito da minha idade e as pessoas confrontavam-me com isso. Eu, genuinamente, e talvez por imaturidade, ficava surpreendido porque escrevia desde os nove. Quando saiu esse livro, escrevia, então, há já 15 anos e, por isso, não me sentia propriamente um escritor estreante, também porque já tinha publicado o *Condensação*. Hoje, percebo a questão e a admiração.

Segundo as informações que a Dom Quixote ou a Leya lhe transmitem, quem é o seu leitor?
Na verdade, não há informações das editoras. Vou vendo e sobretudo, com as redes sociais é muito fácil estar em contacto com as pessoas. Mas, efetivamente, parece-me que é bastante transversal. No entanto, é sabido que há mais leitoras do que leitores, mas é difícil perceber, porque acho que é tudo muito homogéneo. Depois de ter saído o *Leva-me Contigo*, um livro

de crónicas de uma caminhada que fiz na Nacional 2, isso intensificou-se e ficou mais transversal. Abrange pessoas que não estariam interessadas em romances e foram mais pelo lado da aventura, e da história. E, aí, há outro tipo de leitores também.

"A verdadeira escrita tem de ter uma compreensão profunda da vida"

Referiu numa entrevista que tem uma pasta no computador com a designação "alter ego", uma vez que os seus pais diziam que, quando escrevia, tinha um alter ego. Existe, de facto, ainda uma transformação quando escreve?

Sim, acho que sim. Escrevo sempre na primeira pessoa, mas nunca sou eu. São personagens muito diferentes de mim. E essa procura e construção do outro para mim é fundamental. Na verdade, tento que os narradores sejam bastante diferentes da pessoa que sou. Naturalmente, são. Talvez vão buscar o que há de pior em mim e o que, no dia a dia, tento controlar, mas a escrita deixo à solta. Por isso, gosto de pensar que é um "alter ego", que é um outro eu, reservado para a escrita e que não tem influência no meu quotidiano.

Desde criança que procura histórias em sítios improváveis. Por exemplo, experiências tão diferentes daquelas que fazem parte da sua vida, como viajar num camião TIR até à Alemanha. Considera que é preciso conhecer Mundo e colocarmo-nos no lugar do outro para ultrapassar os nossos próprios limites e termos inspiração para escrever?

Tenho de concordar, mas é bastante mais do que isso. É mais complexo do que simplesmente procurar inspiração ou pormo-nos no lugar do outro. A escrita, em geral, advém de um conhecimento profundo. E um verdadeiro escritor tem esse conhecimento, pelo menos da sua realidade. Portanto, a verdadeira escrita tem de ter uma compreensão profunda da vida. E nessa perspetiva, quanto mais se descobrir, se conhecer e viver, melhor. Quanto mais não seja através da leitura, porque já nem falo em fazer a pé a Estrada Nacional 2, quase 740 km, ou viajar num camião de TIR até à Alemanha, como fiz. De facto, essas experiências têm sido essenciais na minha vida.

Como trineto de Eça de Queirós, como se sente quando é comparado a um dos escritores mais apreciados da História da Literatura Portuguesa? Tenta cada vez mais dissociar-se dessa genética no seu trabalho?

Na verdade, acho que com o desenrolar da minha escrita e com os livros que publiquei essa questão põe-se cada vez menos, felizmente. Acho que as pessoas já percebem que se trata, simplesmente, de uma coincidência genética e que, cada vez menos, é um assunto que venha "à baila". Espero que isso seja um bom sinal. Pelo menos, sinto-me mais confortável assim.

Acredita que para se ser escritor é crucial ter talento, dom, ou a qualidade narrativa nasce de muita leitura, esforço e vontade?

Não. Qualquer pessoa, com esforço, vontade e trabalho, consegue escrever bem, ou seja, correta e inteligivelmente. Se me esforçasse para conseguir pintar um quadro, talvez o conseguisse

fazer minimamente bem, no entanto, não conseguia nunca fazer uma grande pintura. Ou cantar. Também gostaria de ser um bom cantor, mas não sou. Poderia ficar com a voz mais afinada, mas, por muito que treinasse nunca seria um grande cantor. Talvez a visão de "dom" e de "talento" seja muito romântica, mas há um lado muitíssimo grande de trabalho. Tanto trabalho de escrita, mas também de leitura. Por exemplo, nestes tempos de quarentena, devido às circunstâncias que estamos a viver, há sempre mais tempo. E eu, que sou um leitor compulsivo, em apenas um mês, li mais que dez livros e alguns deles bastante grandes. Portanto, o trabalho da escrita está também na leitura. Ou melhor, a leitura está na dianteira da escrita, mas, sim, é verdade que há um fundo de predisposição para a escrita, que pode ser chamado talento, mas sem tudo o resto não existe. De facto, é necessário conjugar essas duas vertentes.

Um dos seus últimos trabalhos foi o livro *Leva-me Contigo*, um relato dos 24 dias em que caminhou os 738 quilómetros da Estrada Nacional 2. Tendo sido reconhecido pelo talento de transformar a realidade em ficção com o livro *Pão de Açúcar*, há ainda conteúdo da viagem que poderia recriar ficcionalmente para uma nova obra?

Há sempre, quanto mais não seja pela experiência de vida e pelas pessoas que conheci ao longo da estrada, que me marcaram. Portanto, tudo o que marca pode vir a ser transformado na escrita. O que talvez se passe hoje com alguns escritores, é que, como a sua vida é um bocadinho mais conhecida, as pessoas estabelecem, à partida, relações entre a obra e alguns traços biográficos do autor. Mas isso, de certa maneira, sempre aconteceu.

“Parece-me que há cada vez mais leitores de livros de não ficção do que de ficção”

As distinções que recebeu, nomeadamente os Prémios LeYa (2014) e Saramago (2019), têm-lhe propiciado imensa notoriedade em Portugal. Neste momento, sente “pressão” para escrever cada vez melhor?

Sinto imensa pressão, mas não tem a ver com isso. Tem a ver com o facto de ser bastante maníaco, obsessivo e compulsivo com muita coisa, nomeadamente com a escrita e com a leitura. Suponho que outra pessoa, nas mesmas circunstâncias, estivesse muito mais à-vontade com a escrita. Eu não. Preocupo-me sempre muito, com tudo um pouco, mas isso aconteceria, independentemente dos prémios. Lembro-me de quando estava a escrever *O Meu Irmão*…o livro não era para ninguém. Era para mim próprio, ou para os amigos e família. Na verdade, sentia essa pressão também. Como se fosse uma mão pesada por cima do meu peito. Mas, sim, sinto na mesma. Porém [essa pressão] não vem diretamente do Prémio LeYa nem do Prémio Saramago.

Num futuro próximo, consegue imaginar os seus livros a serem integrados nas escolas através do Plano Nacional de Leitura, como aconteceu com outros escritores?

Ninguém, no seu perfeito juízo, pensa nisso. Isso é para autores de obras-primas e consagrados. Não é o meu caso. Se eu pensasse numa coisa dessas, seria um bocadinho mentalmente desequilibrado. De facto, isso nunca me passou pela cabeça.

Afirmou que é difícil captar o interesse das pessoas para os livros e para a leitura. Além da visibilidade dos prémios, qual julga ser a fórmula capaz de alterar esta tendência em Portugal?

Sou muito pessimista quanto a isso. Acho que não há nenhuma fórmula. É uma questão de educação e até uma questão social. Em Portugal, podemos pensar em várias origens para isso. Podemos pensar, por exemplo, que a televisão chegou a Portugal antes do analfabetismo estar totalmente extinto. Isto pode ser visto como uma razão para o desinteresse pelos livros, porque roubou um bocadinho de espaço para a leitura. Hoje, prende-se também com o acesso fácil a outras formas de ficção, como, por exemplo, a Netflix. Mas são formas excelentes de ficção, porque a Netflix tem séries espetaculares e claro que nós, seres humanos, precisamos de ficção. Vamos, agora, sempre buscar a esses lados, porque, efetivamente, a leitura é algo ativo. Implica silêncio, tempo e entrega. Parece-me que há cada vez mais leitores de livros de não ficção do que de ficção. Talvez por uma visão utilitarista da leitura. Pensam: "Já que vou ler e perder tempo a ler, que seja para aprender alguma coisa que me seja útil." Nesta perspetiva, a ficção e a literatura não são úteis, o que é um pensamento detestável. Portanto, creio que não há uma fórmula. Sou muito pessimista, até porque os números das estatísticas da leitura falam por si.

Qual será a sua próxima viagem literária?

Estou, neste momento, a escrever o próximo livro. Não sei se vai correr bem ou mal, mas vamos ver. Não gosto, antes de ter

acabado, de falar disso. Depois do livro estar escrito e publicado, deixa de ser uma coisa íntima e só minha. Portanto, pelo pouco tempo que dura em que é só meu, gosto de reservá-lo para mim.

"Na minha geração, há pouca gente que lê o jornal de fio a pavio. Eu faço isso todos os dias"

De forma próxima, embora em alguns casos oposta, tanto os escritores como os jornalistas contam histórias. Em algum momento ponderou trabalhar como jornalista?
Não. Talvez quando tinha 14 ou 15 anos me tenha passado, vagamente, pela cabeça, mas acabei por perceber que a escrita e a literatura estariam sempre presentes. Para o lado profissional, tendo em conta o curso que tirei, Estudos Portugueses e Lusófonos, a única saída viável era a edição. E são coisas que faço agora, como *freelancer* e em *part-time*. E gosto muito de fazer isso, ajudar a construir e editar os livros dos outros. Mas jornalismo, de facto, nunca me passou muito pela cabeça, até porque prezo muito a ficção e respeito muito o jornalismo. E nesse sentido, não dá para conciliar as duas coisas. Muitas vezes, acho que não se pode estragar uma boa história literária com a verdade e, no jornalismo, se não se contar a verdade, é um crime. Portanto, só posso ter essa liberdade e alegria na literatura e na ficção. Aliás, o meu livro *Pão de Açúcar*, baseado num caso real e que teve um trabalho de investigação quase jornalístico, é ficção e não pode ser encarado como um cotejamento dos factos. Mas, sim, uma coisa levou à outra e nunca pensei muito em seguir jornalismo.

Foi convidado para ser "diretor" da edição do 30º aniversário do jornal *Público*, publicada a 5 de março deste ano. Sente que existe uma aproximação cada vez maior de quem faz jornalismo às novas gerações e às suas necessidades, enquanto leitores?

Bem, no caso do *Público* isso é verdade, porque houve uma feliz coincidência de eu fazer 30 anos e o jornal fazer também 30 anos. Portanto, o Manuel Carvalho lançou o desafio. Reparei numa grande preocupação: a falta de leitores mais jovens. Basta ver que, nas assinaturas do *Público*, 8% estão abaixo dos 30 anos e estamos a falar do digital. Em papel é, obviamente, difícil de aferir, mas é ainda menos. É preocupante, porque não se criam hábitos de leitura de jornalismo. Portanto, repara-se na preocupação dos jornais para chegar a camadas mais jovens. Por exemplo, o uso do Instagram é um reflexo disso. Através de *Stories*, que estão a ser muito agilizadas para dar notícias, já há uma maior aproximação. Mas até aí, sou pessimista. Na minha geração, há pouca gente que lê o jornal de fio a pavio. Eu faço isso todos os dias. Perco uma hora a ler o *Público*, que é um jornal que leio todos os dias. Mas, a verdade, é que há poucas pessoas a fazê-lo.

Crê que, à medida que o jornalismo *online* produzido em Portugal vai melhorando, pode dar mais "espaço e tempo" ao jornalismo cultural, comparativamente ao que tem acontecido na imprensa nos últimos anos?

A questão do espaço no *online* é transversal a todas as áreas. Quando não há espaço para desenvolver no papel, também acabam por desenvolver no *online*. E, por isso, por maioria da razão,

há mais espaço para a parte cultural também. Mas parece-me que a área cultural vive muito dos suplementos dos jornais. A verdade é essa.

O jornalismo cultural é, muitas vezes, associado à limitação temática de exposições, lançamentos de álbuns, livros ou filmes. Como escritor e agente do campo cultural, vê alguma forma de o jornalismo cultural escapar a este rótulo?
O jornalismo cultural não é só isso. Há também jornalismo de investigação, há peças de fundo, críticas artísticas e literárias… a ideia de só haver exposições, lançamentos de álbuns, livros ou filmes é um pensamento feito. O jornalismo cultural é muito mais abrangente.

Acredita que o encanto e o conhecimento do mundo da literatura por parte dos jornalistas interferem no exercício diário da própria escrita jornalística?
Há casos de escritores que foram jornalistas porque, de facto, o jornalismo está sempre de paredes meias com a escrita. O que me parece, no caso dos escritores que foram jornalistas, é que tiveram uma escola muito boa de síntese, de contenção e de conhecimento da temática que querem verdadeiramente abordar, seguindo um fio condutor. Penso que é mais uma escola para a escrita de romance do que o contrário.

No editorial que escreveu para a edição dos 30 anos do *Público*, evidenciou que é um escritor consciente e preocupado com as tendências populistas que estão a emergir no Mundo. Está pessimista em relação ao futuro?

O editorial, por acaso, foi escrito um pouco antes de começar a "cena" a sério da Covid-19 em Portugal. Felizmente, nós, em particular as gerações mais jovens, reconhecem esses perigos e querem combatê-los. Por esse lado, estou otimista. Mas é um facto que tipos como o Trump e o Bolsonaro foram eleitos. Ainda agora, o Presidente do EUA sugeriu, como se nada fosse, que seria interessante injetar desinfetante para curar o coronavírus… portanto, estamos entregues aos bichos… Nesse sentido, não estou mesmo nada otimista. Todos os dias somos confrontados com idiotas e, lamentavelmente, esses idiotas estão à frente de grandes nações. Mas se pensarmos num pessimismo indiferente, tudo passa. O Donald Trump pode muito bem ser eleito em novembro, mas não ficará mais do que dois mandatos. E o Bolsonaro igual. Por isso, nessa perspetiva, mais cedo ou mais tarde, teremos descanso.